

As Múltiplas Faces da Metafísica: Unidade ou Fragmentação

O Conflito Hermenêutico entre Reale e Barnes na Leitura de Aristóteles

Bloco de Mediação IA

Autor original: Odair Aguiar

Ferramentas de IA: ChatGPT, NotebookLM e Claude

Prompt: ensaio desenvolvido com perguntas e proposições

do autor, baseado em textos publicados em português

“O ser se diz de muitas maneiras.”

— Aristóteles, *Metafísica* (Γ, 1003a)

Este ensaio apresenta as ideias sobre a filosofia de Aristóteles de Giovanni Reale e Jonathan Barnes. De Reale, tendo como referência os seus escritos sobre a *Metafísica: Introduzione a Aristotele* (1974), Aristoteles na coleção *Storia della filosofia antica* (1975-1980), *Metafisica* em 3 volumes (1993 – revisão), e o capítulo sétimo Aristoteles da obra *Storia della filosofia volume I* (1997). De Barnes, artigo publicado no volume Aristoteles da Cambridge University (1995).

Jonathan Barnes (n. 1942) é um filósofo e historiador da filosofia antiga, especializado sobretudo em Aristóteles e nos pré-socráticos. Formou-se e lecionou em instituições como Oxford e Genebra, sendo uma referência na tradição analítica anglo-saxônica. Sua abordagem privilegia a análise lógica rigorosa dos textos, evitando reconstruções sistemáticas excessivas. Entre suas obras destacam-se *Aristotle: A Very Short Introduction* e *The Presocratic Philosophers*. É amplamente reconhecido por sua influência na interpretação contemporânea de Aristóteles e pela crítica a leituras metafísicas totalizantes.

Giovanni Reale (1931–2014) foi um dos principais historiadores da filosofia antiga do século XX, com foco em Platão e Aristóteles. Formou-se na Università Cattolica del Sacro Cuore, onde lecionou por décadas e consolidou sua escola de interpretação metafísica. Sua obra busca reconstruir a unidade sistemática da filosofia grega, enfatizando a continuidade entre Platão e Aristóteles. Destaca-se pela defesa de uma leitura “forte” da metafísica aristotélica, culminando no primeiro motor. Entre seus trabalhos mais influentes estão *Storia della filosofia antica* e suas edições comentadas da *Metafisica*.

Como veremos a seguir, os autores, especialistas em Filosofia Grega e Aristóteles, apresentam interpretações e análise em alguns momentos extremamente divergentes da obra de Aristóteles.

1. O problema de partida: a Metafísica é uma ou muitas?

Esta é a questão que separa os dois autores de modo mais radical e imediato.

Para Reale, como vimos na análise das quatro obras, a resposta foi sempre e consistentemente: é uma. A Metafísica forma um todo coerente, a metafísica como ciência do ser enquanto ser tem uma unidade interna garantida pela hierarquia ontológica que culmina no Motor Imóvel. A aparente dispersão dos livros é superada pela tese central: o ser tem sentido focal — tudo remete à ousia, a substância, que por sua vez remete ao ser em ato puro.

Barnes, por outro lado, abre sua análise com uma afirmação dura: a Metafísica não tem nenhuma história contínua para narrar. A obra é antes uma compilação de ensaios que um tratado concatenado, tendo sido presumivelmente organizada por Andrônico. Para Barnes, a incoerência não é aparente — é estrutural. Os livros se contradizem, repetem-se, ignoram-se mutuamente. Os textos parecem oferecer três ou até mesmo quatro respostas à pergunta sobre o que é a metafísica aristotélica, e essas respostas certamente são diferentes umas das outras, parecendo à primeira vista incompatíveis.

Essa divergência de partida não é apenas acadêmica: ela determina tudo o que cada autor faz com o texto.

2. O conceito de significado focal

onde os dois mais se aproximam — e mais divergem

O ponto de maior aproximação aparente é o conceito aristotélico de significado focal (*pros hen* — referência a um ponto central). Reale o usa como chave hermenêutica unificadora: o ser se diz de muitas maneiras, mas todas elas remetem à substância como sentido primário, o que garante que a metafísica seja uma ciência única. Barnes apresenta o mesmo conceito com precisão analítica notável. O exemplo da palavra "saudável" — tudo que é saudável é assim chamado com referência à saúde: algumas coisas por conservá-la, algumas por produzi-la, algumas por serem sinais de saúde — serve para mostrar que "existir" funciona analogamente: tem um uso primário (aplicado a substâncias) e usos derivativos (aplicados a acidentes).

Até aqui, os dois autores parecem concordar. Mas Barnes então introduz uma dúvida que Reale simplesmente recusa: ainda não está claro como — ou, com efeito, se — o significado focal se aplica ao verbo "existir"; tampouco se ela é em princípio adequada para salvaguardar a ciência da metafísica. Para Barnes, o significado focal é uma descoberta genial de Aristóteles, mas sua aplicação ao ser é problemática e não demonstrada de modo satisfatório.

3. A questão da substância: método e conclusões

Sobre a *ousia*, os dois autores chegam a resultados parcialmente similares por métodos radicalmente distintos.

Reale, ao longo de suas quatro obras, trata a teoria da substância como o núcleo luminoso da metafísica aristotélica: substância é o que existe primariamente, é o sujeito que não se predica de outro, é o ser em ato. O caminho de Aristóteles vai da pluralidade de sentidos do ser até a substância e desta até o ato puro — e todo esse percurso tem uma lógica necessária e uma unidade admirável.

Barnes é muito mais cauteloso — e mais crítico. Ele distingue três questões que Reale tende a fundir: o que significa chamar algo de substância, o que qualifica uma entidade como ontologicamente primária, e quais itens concretos são substâncias. É trivial que as substâncias sejam entidades básicas — mas o que qualifica uma entidade como básica, em que sua primazia consiste? Essa segunda questão, para Barnes, é onde está o verdadeiro problema — e onde Aristóteles, a seu ver, não encontra uma resposta clara.

A tensão que Barnes identifica no livro Zeta é especialmente reveladora: substâncias são indivíduos — Mozart é uma substância, homem não é. Substâncias são definíveis: o homem é uma substância, Mozart não. Essa aparente contradição, que Reale resolve pela doutrina do *tode ti* (este tal-e-tal, o concreto definível), Barnes apresenta como uma tensão genuína que Aristóteles tenta resolver mas não resolve de modo completamente satisfatório.

4. A teologia e o Motor Imóvel: o ponto de maior ruptura

Aqui a diferença entre os dois é máxima.

Para Reale, o Motor Imóvel é o coroamento de toda a ontologia: o ser em ato puro, sem potência, é o modelo do que significa "ser" em sentido pleno. A teologia não é um apêndice da Metafísica — é sua cúpula. A filosofia primeira é ao mesmo tempo ontologia geral e teologia, e isso não é contradição, mas síntese.

Barnes trata a teologia aristotélica com uma frieza analítica que beira o ceticismo. Todo movimento requer um motor: se a está em movimento, então há algo que está movendo a. Portanto, para que não incorramos num regresso, é preciso que haja motores imóveis. Mas ele imediatamente problematiza esse argumento: por que não uma sequência interminável de motores? E mais ainda: o estudo das substâncias inamovíveis é a teologia. Substâncias inamovíveis são primeiras, então a teologia é primeira. Porque ela é primeira, é universal e considera tudo. Logo, considera o ente enquanto ente. Barnes chama esse argumento de insatisfatório. O passo que une teologia e ontologia geral não é lógico — é uma afirmação que não se sustenta por si mesma.

A conclusão de Barnes sobre as quatro caracterizações da metafísica aristotélica (ciência das causas primeiras, do ser enquanto ser, da substância e teologia) é demolidora do ponto de vista de

Reale: as quatro caracterizações da metafísica não se harmonizam: não há uma ciência única que todas elas descrevam, e portanto não há (em certo sentido) nada como a metafísica aristotélica.

5. Como ler essa divergência

A diferença entre Reale e Barnes não é apenas de método — é de filosofia fundamental sobre o que significa interpretar um texto filosófico.

Reale parte de uma convicção hermenêutica: que o pensador filosófico tem uma visão coerente que o intérprete deve reconstruir, mesmo quando os textos são fragmentários. A leitura é construtiva e simpática — busca a unidade subjacente.

Barnes parte de uma convicção analítica: que os argumentos devem ser examinados um a um, que contradições não devem ser dissolvidas hermeneuticamente mas expostas, e que o respeito a Aristóteles exige exatamente que não lhe atribuamos coerência que seus textos não demonstram. A leitura é cirúrgica e por vezes impiedosa — mas também, a seu modo, mais honesta com as dificuldades reais do texto.

O que é notável é que os dois grandes estudiosos leram os mesmos livros e chegaram a imagens quase opostas de Aristóteles: um sistemático e grandioso em Reale, um explorador brilhante mas por vezes incoerente em Barnes. Isso diz muito sobre a riqueza — e a dificuldade — da Metafísica como texto.

À luz da hermenêutica de Paul Ricœur, a divergência entre Reale e Barnes não deve ser resolvida pela simples escolha de um dos lados, mas compreendida como expressão da própria condição interpretativa dos textos filosóficos.

Para Ricœur, todo texto, uma vez escrito, se autonomiza em relação ao autor e abre um campo de sentidos possíveis, estruturado pela tensão entre explicação (análise dos argumentos, como em Barnes) e compreensão (reconstrução de um horizonte de sentido, como em Reale).

Nesse contexto, a Metafísica de Aristóteles não é nem um sistema perfeitamente unificado nem um conjunto meramente fragmentário, mas um “mundo do texto” que admite múltiplas leituras legítimas, desde que disciplinadas por métodos rigorosos.

Assim, Reale e Barnes não apenas discordam — eles operam em níveis hermenêuticos distintos: um privilegiando a coerência possível do todo, outro a verdade local dos argumentos. A tarefa filosófica, portanto, não é eliminar essa tensão, mas habitá-la criticamente, reconhecendo que é precisamente nela que o sentido do texto continua a se produzir.